



da prosa

volume um



COMPANHIA DAS LETRAS

A stylized line drawing of a woman's face and hair, rendered in a sketchy, expressive style. The woman has a large, ornate headpiece or hairstyle that covers the top of her head. Her face is shown in profile, looking towards the right. The drawing is composed of simple black lines on a white background. At the bottom of the image, there is a large, detailed flower with many petals and a central circular element. The overall composition is minimalist and artistic.

hilda hilst

da prosa

Copyright © 2018 by Daniel Bilenky Mora Fuentes

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa e projeto gráfico

Elisa von Randow

Fotos de capa e luva

Fernando Lemos

Seleção de desenhos

Ana Lima Cecilio

Ilustrações

Hilda Hilst, Centro de Documentação Cultural Alexandre Eulálio, CEDAE (IEL, Unicamp)

Preparação

Andressa Bezerra Corrêa

Revisão

Angela das Neves

Jane Pessoa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Hilst, Hilda, 1930-2004.

Da prosa / Hilda Hilst. — 1ª ed. — São Paulo :
Companhia das Letras, 2018.

ISBN: 978-85-359-3086-3

1. Ficção brasileira 2. Prosa brasileira 1. Título.

18-13922

CDD-869.1

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção: Literatura brasileira 869.1

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 – São Paulo – SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras



Sumário



volume um

- 10 Apresentação
- 13 Fluxo-floema (1970)
- 163 Kadosh (1973)
- 289 Pequenos discursos. E um grande (1977)
- 337 Tu não te moves de ti (1980)

volume dois

- 11 A obscena senhora D (1982)
- 59 Com os meus olhos de cão (1986)
- 103 O caderno rosa de Lori Lamby (1990)
- 153 Contos d'escárnio — Textos grotescos (1990)
- 229 Cartas de um sedutor (1991)
- 307 Rútilo nada (1993)
- 323 Estar sendo. Ter sido (1997)
- 406 Cinco pistas para a prosa de ficção de Hilda Hilst — Alcir Pécora
- 417 A palavra deslumbrante de Hilda Hilst — Carola Saavedra
- 431 Um grande pudim de cenoura — Daniel Galera
- 448 Sobre a autora

Apresentação

APÓS QUASE VINTE ANOS de intensa produção de poesia, que teve início com *Presságio*, em 1950, Hilda Hilst inaugurou uma nova fase. No fim da década de 1960, no breve período de três anos, a autora se dedicou à escrita de nada menos que oito peças de teatro. Em 1970, veio a lume sua estreia na ficção: *Fluxo-floema*, lançado pela editora Perspectiva, revelou o talento radical e surpreendente da poeta para a prosa.

Qadós, seu segundo livro de ficção, foi publicado em 1973 pela Edart. Quando a editora Globo relançou a obra de Hilda, no início da década de 2000, com organização do professor Alcir Pécora, a grafia do título mudou para *Kadosh*, a pedido da própria autora. Estes dois volumes, acrescidos de *Pequenos discursos. E um grande*, foram reunidos sob o título *Ficções*, em 1977, pelas Edições Quíron.

O terceiro livro de prosa de Hilda, *Tu não te moves de ti*, foi lançado em 1980 pela Cultura, dois anos antes de vir à tona *A obscena senhora D*. Publicada pela editora Massao Ohno, esta quarta novela mescla poesia, teatro e prosa, e se estabeleceu como uma das obras mais cultuadas de Hilda. Em 1986, a editora Brasiliense lançou *Com os meus olhos de cão e outras novelas*, que agrupava, além da obra homônima inédita, *Tu não te*

moves de ti, A obscena senhora D e textos selecionados de *Qadós* e *Fluxo-floema*.

O *caderno rosa de Lori Lamby* inaugurou a fase das “adoráveis bandalheiras” de Hilda. Lançado em 1990 pela editora Massao Ohno, com ilustrações de Millôr Fernandes, o livro causou furor até mesmo entre seus ávidos leitores. Na sequência viria *Contos d’escárnio — Textos grotescos*, também em 1990, pela Siciliano, e no ano seguinte *Cartas de um sedutor*, pela editora Pauliceia. Os três títulos compõem a trilogia erótica — ou sua “despedida da literatura séria”, nas palavras da autora. *Bufólicas*, volume de poemas lançado em 1992 pela editora Massao Ohno, ilustrado por Jaguar, se somaria aos três títulos de prosa para formar a “tetralogia obscena”. Essa reunião seria publicada em 2015 pelo selo Biblioteca Azul, da editora Globo, sob o título *Pornô Chic*.

A breve novela *Rútilo nada*, lançada pela Livraria e Editora Pontes, de Campinas, saiu em 1993. Quatro anos depois, veio o último livro de prosa de Hilda, *Estar sendo. Ter sido*, pela Nankin, que tanto do ponto de vista da forma quanto da temática chamam a atenção por sua profunda transgressão.

Da prosa reúne, portanto, toda a produção ficcional de Hilda, em ordem cronológica de publicação. Ao longo de 27 anos, entre o início da década de 1970 e o fim da década de 1990, a autora criou uma obra absolutamente original, questionadora, combativa e a cada dia mais atual.

Os editores

FLUXO-FLOEMA



(1970)

*Havia em suma três, não, quatro Molloys. O das
minhas entranhas, a caricatura que eu fazia desse,
o de Gaber e o que, em carne e osso, em algum
lugar esperava por mim.*

.....

*Havia outros evidentemente.
Mas fiquemos por aqui, se não
se importam, no nosso circulozinho de iniciados.*

SAMUEL BECKETT, MOLLOY

FLUXO

À Lygia Fagundes Telles

CALMA, CALMA, também tudo não é assim escuridão e morte. Calma. Não é assim? Uma vez um menininho foi colher crisântemos perto da fonte, numa manhã de sol. Crisântemos? É, esses polpudos amarelos. Perto da fonte havia um rio escuro, dentro do rio havia um bicho medonho. Aí o menininho viu um crisântemo partido, falou ai, o pobrezinho está se quebrando todo, ai caiu dentro da fonte, ai vai andando pro rio, ai ai ai caiu no rio, eu vou rezar, ele vem até a margem, aí eu pego ele. Acontece que o bicho medonho estava espiando e pensou oi, o menininho vai pegar o crisântemo, oi que bom vai cair dentro da fonte, oi ainda não caiu, oi vem andando pela margem do rio, oi que bom bom vou matar a minha fome, oi é agora, eu vou rezar e o menininho vem pra minha boca. Oi veio. Mastigo, mastigo. Mas pensa, se você é o bicho medonho, você só tem que esperar menininhos nas margens do teu rio e devorá-los, se você é o crisântemo polpudo e amarelo, você só pode esperar ser colhido, se você é o menininho, você tem que ir sempre à procura do crisântemo e correr o risco. De ser devorado. Oi ai. Não há salvação. Calma, vai chupando o teu pirulito. Eu queria ser filho de um tubo. No dia dos pais eu comprava uma fita vermelha, dava um laço no tubo e diria: meu tubo, você é bom porque você não me incomoda, você é bom porque é apenas um tubo e eu posso olhar para você bem descansado, eu posso urinar a minha urina cristalina dentro de ti e repetir como um possesso: meu tubo, meu querido tubo, eu posso até te enfiar lá dentro

que você não vai dizer nada. As doces, primaveris, encantadoras manhãs do campo. As ervinhas, as graminhas, os carrapichos, o sol doirado, e os humanos cagando e mijando sobre as ervinhas, as graminhas, os carrapichos e sob o sol doirado. Meu filho, não seja assim, fale um pouco comigo, eu quero tanto que você fale comigo, você vê, meu filho, eu preciso escrever, eu só sei escrever as coisas de dentro, e essas coisas de dentro são complicadíssimas mas são... são as coisas de dentro. E aí vem o cornudo e diz: como é que é, meu velho, anda logo, não começa a fantasiar, não começa a escrever o de dentro das planícies que isso não interessa nada, você agora vai ficar riquinho e obedecer, não invente problemas. Empurro a boca pra dentro da boca, chupo o pirulito e choramingo: capitão, por favor me deixa usar a murça de arminho com a capa carmesim, me deixa usar a manteleta roxa com alamares, me deixa, me deixa, me deixa escrever com dignidade. O quê? Ficou louco outra vez? E o teu filho não tá com encefalite? Toma, toma quinhentos cruzeiros novos e se não tá com inspiração vai por mim, pega essa tua folha luminosa e escreve aí no meio da folha aquela palavra às avessas. Uc? Não seja idiota, essa é a primeira possibilidade, invente novas possibilidades em torno do. Amanhã eu pego o primeiro capítulo, tá? Engulo o pirulito. Ele me olha e diz: você engoliu o pirulito. Eu digo: não faz mal, capitão, o uc é uma saída pra tudo. Está bem. Ele sai peidando no meu belíssimo pátio de pedras perfeitas e grita: amanhã, hein? Sorrio.

Convenhamos, sou de bons bofes. Digo: meu filho, amanhã você toma a tua gamaglobulina e sara viu? Aí, esfrego as pálpebras, a minha mulher entra no escritório, digo tome cuidado com o poço, ela toma, digo: minha querida, você não tem nenhuma ideia a respeito do? Do? ela responde. É, eu digo, ele mesmo. Bem, ela está pensando, já é alguma coisa. Esfrego as pálpebras novamente, tomo um gole de chá, ela está pensando por mim, quem sabe ela sabe. Não, meu querido, não tenho nenhuma ideia a respeito. Oh, não, não me atormente assim, eu vou comprar aquele livro lindo que você sempre quis. Qual?

Aquele que fala aquelas coisas dos seus autores na primeira página, como é mesmo? Ah, sim: *“tous cinq vénérés par leur pitié, leur tolérance, leur savoir et leur amour inébranlable et pur de la patrie et de la liberté”*. Aquele? Já compraram, ela me diz, o livreiro telefonou ontem e disse: dona, eu estava guardando o livro pra senhora há dez anos mas hoje veio uma velha e comprou. Desculpe, dona. Então eu te compro aquele disco do Palestrina. Aquele? Meu pobre querido, aquele foi queimado no dia do incêndio. Que incêndio? Pois você não se lembra que incendiaram a casa do homem que vendia Palestrina? Não. Pois é. Dou três gritos e ponho minha mulher pra fora do escritório. Ela está chorando agora, está chorando sentada no meu belíssimo pátio de pedras perfeitas. Fecho a porta de aço do meu escritório. Esperem, ela está batendo na porta de aço. Abro. Ela diz: tive uma ideia, querido, se você escrever uc? Não, não adianta, essa é a primeira possibilidade que ocorre a qualquer um, invente... invente novas, novas possibilidades em torno do. Já estou falando como o cornudo. Vai, vai. Sento-me. Vamos, pense, digo para mim mesmo, olhe para esse cavalo de jade que o teu amigo trouxe da China especialmente para você. Olho. Há alguma coisa a dizer sobre esse cavalo? É um cavalo de jade que o meu amigo trouxe da China para mim. Você já disse isso. Não há mais nada a dizer? É um belo cavalo. Olhe para essa caixinha de metal dourado com uma pedra roxa na tampa. Olhei. Não há nada a dizer sobre essa caixinha? Meu Deus, estou me desviando das proposições do cornudo. Meu querido — é a minha mulher novamente — e então? Então esquece, mulher, vai, vai, vai ferver duas abóboras pra gente caçar tubarões amanhã. Ela já sabe que quando eu digo isso é porque não há solução. E o menino? Que menino? O nosso filho. Ah, vê se ele não morre até amanhã. Está bem. Agora estou livre, livre dentro do meu escritório. É absurdo minha gente, estudei história, geografia, física, química, matemática, teologia, botânica, sim senhores, botânica, arqueologia, alquimia, minha paixão, teatro, é, teatro eu li muito, poesia, poesia eu até fiz poesia mas ninguém nunca lia, diziam coi-

sas, meu Deus, da minha poesia, os críticos são uns cornudos também, enfim, acreditem se quiserem, não sei nada a respeito do. Respira um pouco, vai escrevendo que a coisa vem. Primeiro fica de pé. Abre os braços. Boceja. Olha através das vidraças. Olhei. Agora escreve... Espera, eu preciso sentar. Então senta. Agora escreve: meus guias protetores, os de cima e os de baixo, por favor entrem em harmonia. Abre depressa o armário e veste a batina preta com frisos vermelhos. Pronto. Agora escreve: dentro de mim, este que se faz agora, dentro de mim o que já se fez, dentro de mim a multidão que se fará. Alguns eu os conheço bem. Mostram a cara, assim é que eu gosto, me enfrentam, assim é que eu gosto, cospem algumas vezes na minha boca, assim é que eu gosto. Gosto de enfrentar quem se mostra. Olhe aqui, Ruiska — Ruiska sou eu, eu me chamo Ruiska para esses que se fazem agora, para os que se fizeram, para a multidão que se fará, e para não perder tempo devo dizer que minha mulher se chama Ruisis e meu filho se chama Rukah. Não me percam de vista, por favor. Olhe aqui, Ruiska, você não veio ao mundo para escrever cavalhadas, você está se esquecendo do incognoscível. O incognoscível? É, velho Ruiska, não se faça de besta. Levanto-me e encaro-o. Digo: olhe aqui, o incognoscível é incogitável, o incognoscível é incomensurável, o incognoscível é inconsumível, é inconfessável. Ele me cospe no olho, depois diz: ninguém está te mandando escrever sobre o incognoscível, estou dizendo não se esqueça do incognoscível. Ah, está bem. Finjo que entendo. Ou entendo realmente que não devo esquecer do incognoscível? Encosto a cabeça no chão. Não porque tenha vontade, não, ele é que me obriga a encostar a cabeça no chão. Irriga a tua cabeça, velho Ruiska, suga a vitalidade da terra, torna-te terra, estende-te no chão agora, abre os braços, abre os dedos, faz com que tudo se movimente dentro de ti, torce as tuas vísceras, expele o teu excremento. Quem é você, Ruiska? Hein? Ele está começando a perder a paciência, está se aproximando, me esbofeteia, não faz mal, vai batendo, vai me arrancando os dentes, corta a minha língua, faz o que quiser mas eu não sei responder. Quem

é você, Ruiska? Hein? Está bem, está bem, sou um porco com vontade de ter asas. Quem é que te fez porco? O incognoscível. Agora sim ele perdeu a paciência, está quebrando o meu lápis, está escarrando em cima da minha mesa, ah que trabalham para limpar tudo estou pensando, e estou pensando como é possível que esses que se fazem em mim, que se fizeram e que se farão, não compreendam a impossibilidade de responder coisas impossíveis. Ora vejam só, existo apenas há alguns minutos, essa ninharia de tempo, e é claro que não posso responder o que sou. Porque não sei. Até que eu gostaria de dizer, por exemplo: olha, meu amigo, é tão simples responder o que sou, sou eu. E ele ficaria muito contente, ele colocaria a grande cruz de rubi sobre o meu peito e ir-se-ia. A mesóclise é como uma cólica no meio do discurso: vem sempre. E não é só isso, a mesóclise vem e você fica parado diante dela, pensando nela, besta olhando pra ela. Leva muito tempo pra gente se recompor. É. Leva muito tempo. Agora, por exemplo, dormi durante duas horas depois de olhar para a mesóclise. E olhem que foi pouco, normalmente eu durmo durante dois dias depois de uma mesóclise. Durmo e quando acordo digo para Ruisis, pelo telefone interno: me corta o saco se eu usar outra vez a mesóclise. Ela tentou mas eu saí correndo, fui à casa do seu Nicolino que é ferreiro e sabe fazer tudo, e ele me arranhou umas placas bojudas de ferro, forradas de veludo preto, e fiquei a salvo. Ruisis leva tudo a peito. Eu também levo tudo a peito mas achei que a mesóclise, enfim, não merecia tanto sacrifício. Apesar de que eu nunca uso o meu saco. Usa-se? Em que casos usar-se-ia? Bem, não há nada como uma mesóclise depois da outra. Quando se está a salvo. Respiro fundo. Aquele que me cuspi na boca já se foi. Ainda bem. Ora bolas, o incognoscível. Aliso a minha batina preta de frisos vermelhos. Aliso com ternura, com doçura, com loucura. Seria bom se eu pudesse participar agora de uma cerimônia litúrgica muito solene, levantar a hóstia, não, não, levantar a hóstia seria contemplar o incognoscível? Seria? Bem, isso é pouco, o bom é adentrar-se no incognoscível, confundir-se com ele, mas de

qualquer jeito eu vou fazer uma cerimônia litúrgica a meu modo, nada de se deitar na terra e abrir os braços e os dedos, nada de se deitar, levantar-me sim, estender as mãos para a frente, depois para o alto, captar com as pontas dos dedos o fogo de cima, movimentar os braços como uma hélice, envolver-se de chamas, empurrar a chama para o peito e para o meio dos olhos. Estou pronto. Começo a sair de mim mesmo. É doloroso sair de si mesmo, vem uma piedade enorme do teu corpo, uma piedade sem lágrimas, é, Ruiska, o teu corpo está velho, teus ombros se estreitaram, teu peito afundou, tu, com a tua matéria espessa, eu com a minha matéria escassa, eu atravessando as paredes, que alívio, eu no jardim, subindo no tronco, sentado nos galhos, eu me alongando como um peixe-espada, eu me tornando todas as árvores, todos os bois, as graminhas, as ervinhas, os carrapichos, o sol doirado no meu corpo sem corpo, sim, no meu jardim há vários bois, há vacas também, há um lago de água salgada cheio de peixe-espada, é bonito dizer isso, um lago de água salgada cheio de peixe-espada, é mais bonito ser tudo isso, ser água, escorregadia, amorfa, ser o que a água é quando está dentro de uma coisa que é uma apenas, ser o rio, o copo, ser todos os rios, todos os copos — o cornudo que me esqueça —, ser leve, tatuado de tudo, tatuado de nada, ser o estilete, a mão, a tinta, a figura, ser um mitocôndrio, e não há dúvida que vocês não sabem o que é o mitocôndrio, o bom da biologia é saber por exemplo o que é o mitocôndrio, pegar o seu micrografo eletrônico e olhar o mitocôndrio, e vem a propósito o mitocôndrio porque estou no meu jardim e os plastídios verdes das plantas se parecem aos mitocôndrios, não se aborreçam comigo, pois quando se sai do próprio corpo o mitocôndrio fica uma coisa tão simples e é por isso que eu falo dele. Paremos com o mitocôndrio, sinto que vocês podem se aborrecer. Em hipótese alguma devo falar do mitocôndrio. A estrutura do. Que vontade de falar, é tão bonito, mas deixa pra lá, velho Ruiska, comece as tuas visitas. Bem, devo visitar meu filho. Esqueci do meu filho, esqueci que deveria dizer para Ruisis que os quinhentos cruzeiros estão no canto da

estante, pois foi ali que o cornudo os deixou, fechei a porta de aço? Esqueci que deveria dizer para Ruisis que o nosso filho deve tomar gamaglobulina, senão ele vai morrer. Mas agora não consigo voltar ao meu corpo, oh como é difícil deixar de ser o universo e voltar a ser apenas eu. Acalma-te, Ruiska, vai lentamente até a janela do escritório, olha-te olhando a vidraça, o teu corpo está de pé, olhando a vidraça, aproxima-te, agora entra. Está escuro aqui. O meu corpo é um bloco de cera, estou lívido, olhando através da vidraça. Reabsorvo-me. Vejo a minha mesa cheia de escarros. Havia um jornal imundo por aqui, tenho certeza. Está escrito: só para lhe dar uma ideia nós já planejamos e executamos projetos superiores a oitenta bilhões de cruzeiros. Os cães. É, este trecho é ótimo para limpar escarros. Limpo-os. Jogo o jornal na cesta. Fico à escuta. Nada. Morreram todos? Abro a porta. Ruisis está sentada num banquinho, ainda bem, não morreu. Como é, mulher, ferveu as abóboras? Ela diz: Ruiska, o nosso filho morreu. Morreu? Tão depressa? Ela diz: você usou a mesóclise, não foi? Sim. Ela diz: bati na porta feito louca, disquei para o telefone interno. Ah. Onde é que ele está? Ela não me responde, apenas olha para o belíssimo pátio de pedras perfeitas. Rukah está deitado no seu minúsculo caixão doirado. Castiçais de bronze, de prata, de lata. No centro do pátio de pedras perfeitas. Que harmonia. Eu sempre disse a Ruisis que não devíamos ter filhos. Que fatalmente morreriam. Não sei, de encefalite, de tédio, não sei. Ruiska, por que você inventou esse filho? E por que resolveu matá-lo tão depressa? Os laços de carne me chateiam. São laços rubros, sumarentos, são laços feitos de gordura, de náusea, de rubéola, de mijo, são laços que não se desatam, laços gordos de carne. O galo está cantando, o carneiro está balindo, a vaca está mugindo, Ruisis está chorando e meu filho está deitado mudo, no seu pequeno caixão, no centro do pátio de pedras perfeitas. Vou à cozinha, tomo um copo d'água, como um pedaço de bolo, quero dizer, mastigo um pedaço de bolo, não que eu esteja comemorando, apenas mastigo um pedaço de bolo, pedaço de bolo que o meu filho gostaria de mastigar, mas-

tigo por ele e olhem, comemoro sim, comemoro essa pequena vida que de tão perfeita exauriu-se, de tão perfeita... Como ele era? Assim: quando eu não fechava a minha porta de aço, ele entrava e comia os meus papéis. Se fosse só isso não seria muita coisa porque como já disse existe em nós uma saída para tudo. Mas de início, ele picava miudinho os meus papéis, depois fazia uma bolinha, passava cola e açúcar. Depois engolia. Várias bolinhas, muita cola, muito açúcar. Ruiskis dizia: o nenê comeu muitas bolinhas, tenha paciência, é apenas uma criancinha, não Ruiska, não, não faça assim, ele vai morrer sufocado, não faça assim, na banheira não, ele vai morrer afogado, não faça assim, ele vai morrer deformado. Nada disso aconteceu, ele morreu de encefalite, acho que sim, como convém a uma criancinha que faz bolinhas com os papéis do seu pobre pai. As últimas bolinhas faziam parte de um trabalho de cem anos. Eu havia estudado o homem. O homem na sua quase totalidade, o homem em relação a si mesmo, em relação ao outro, em relação a Deus, sim, principalmente em relação a Deus. Já era alguma coisa. Eu ia mandar o trabalho para a Alemanha, porque somente a Alemanha, a grande fera pecadora, a que se puniu, punindo, é que ia entender a dimensão das futuras punições que eu vaticinava ao homem. Mas Rukah picou miudinho, engoliu com muita cola e muito açúcar. Um dia eu procurava os óculos no meu belíssimo pátio de pedras perfeitas. Agachado eu ia: pílulas, grãos de milho, pregos, carvão em brasa, inocências de Rukah. Meu filho, ajude a procurar os óculos do teu pai. Um pontapé no olho. O médico, que é o médico do cornudo, sim, porque não tenho dinheiro para pagar um médico, disse: vamos para o hospital, velho Ruiska. Fui, fiquei, saí. E todos os dias, o rugido: você está com uma úlcera na córnea, e por isso eu te aconselho a escrever daqui por diante coisas de fácil digestão, coisas que você pode fazer com pouco esforço, acaba com a coisa de escrever coisa que ninguém entende, que só você é que entende, é por causa dessas coisas que você tem agora uma úlcera na córnea. Mas foi Rukah quem. Oh, ele é apenas um bom menino que ajuda o pai

a procurar os óculos no belíssimo pátio de pedras perfeitas. Está bem. Às vezes eu penso que Rukah é filho do cornudo, porque Ruisis é boazinha. Mas acho que não a ponto de me dar essa alegria. Outra coisa: eu, Ruiska, tinha várias máscaras de cera, belíssimas, estupendas. Uma manhã vejo Rukah diante de um improvisado fogão de tijolos e dentro do caldeirão as minhas máscaras, quero dizer, apenas um nariz quase desfeito, metade de algumas testas estupendas, e ele: pai, olha como você mesmo derrete bonito. O médico onde está? Estou aqui, ele diz. Onde? Mostra-te, homem, onde? Aqui. Além de uma úlcera na córnea, tens tabagismo, tuas mucosas estão queimadas, fedes. Eu fedo? É fedo o presente de quem fede? É, deve ser. Estás rouco. É alergia. Não é, é do fumo, terás em seguida um daqueles na laringe. Tenho certeza que é alergia, doutor, olha, todas as vezes que saio do meu escritório, todas as vezes que é preciso abrir a porta de aço, todas as vezes que é preciso fechar a claraboia e colocar a tampa no poço por bondade, atravessar o meu pátio para conversar com quem quer que seja, eu fico rouco. A claraboia? O poço? Doutor, é o seguinte —. Limite-se a dados essenciais. Oh, pois não, me dando ordens, quer saber? Não conto mais nada. Ruisis cochicha com a mulher do cornudo que chegou há pouco e postou-se toda de amarelinho no meu lindo sofá de couro preto, cruzou as perninhas peludas e agora palpita: todos nós queremos te ajudar. A vaca. Oh, pois não, peludinha, vocês têm me ajudado muito, isso é verdade, médicos etc. A vaca. É para teu bem que te pedimos novelinhas amenas, novelinhas para ler no bonde, no carro, no avião, no módulo, na cápsula. Agora ela tirou uma lima de ouro do bolso e começou a limar as unhas. Eu digo: pare de limar as unhas no meu lindo sofá de couro preto. Oh, Ruiska, por que você é assim? E continua. Eu digo: pare. Ela diz: você é antissocial, é burguesinho besta. Muito bem, abro a braguilha e começo a me masturbar. Ninguém se mexe. Sorriem obliquamente. Guardo a coisa. Levanto-me. Grito: bando de inúteis, corja porca, até que inventei uma bela sonoridade, muito bem, corja porca, mas essa gente não percebe nada, eu poderia

ter dito creme de leite, caju, caguei, anu, são uns analfabetos, uns intrujões, uns estrujões, uns intru, uns estru, os corjaporcaguei-cajuanu. Todo esse esforço me faz chorar. Caminho com lenti-dão. Peço a Ruisis minha bengala de jacarandá com aquela cara na ponta, e vou saindo. Gerúndio. Gerundivo. Bem, bem. Bonito o gerundivo. Eu sei gerundivo? Existe gerundivo? Bem, bem. Passemos. Estou sendo visto por trás, estão examinando meu casaco xadrezinho puído, minha calça de flanelinha cor de caramelo, puída também. O meu filho que neste pedaço ainda não estava morto diz: pai, está tudo puído, colabora, o que é que te custa escrever um pouco sobre aquilo, aquilo também é de Deus, não é pai? Me sinto velhinho, me sinto sozinho, penso: dois, três, meu Deus, oi a vida não é nada disso que se quer, olho para trás, não para trás no tempo, olho para trás e por cima do ombro, vejo Ruisis, o médico, o cornudo, a de amarelinho e Rukah. Estão acenando, que ridículos, estão acenando como se eu estivesse num navio, que ridículos, sim estou mal, agora estou vomitando, talvez esteja num navio, devo continuar, que nojo, abro a porta de aço com a minha chave Yale, sento na cadeira alta de madeira, olho para minha mesa enorme, para o poço, para a claraboia, para o telescópio e para o anão. Agora é que é, minha gente, eu não lhes falei do anão. Não falei porque o anão apareceu depois da morte de meu filho, então esse negócio de que eles ficaram acenando para mim, deve ter sido num outro dia, mas tenho certeza que o cornudo e a de amarelinho estavam por perto, Rukah é que talvez já tivesse morrido, Ruisis estava, aí me atrapalho inteiro com essa coisa de precisar contar coisa por coisa, ainda não posso falar do anão, porque primeiro foi a morte do meu filho, depois é que veio o anão. Foi mesmo? Porque o anão não teria surgido se o meu filho não tivesse morrido. Querem que a gente escreva com uma língua dessas. Surgido, morrido. Que porcaria. Oh, o anão. HO HO HO GLU GLU GLU, é a minha maneira de estar a sós com o anão. Assim que eu me sento na cadeira dura de madeira, evite isso, cadeira, madeira, o anão tira os meus sapatos, esfrega os meus pés, sopra nos meus

pés e diz: pezinhos, encaminhem toda a energética da terra para a cuca diamantina do meu patrãozinho. Oh, o anão. A primeira vez que eu o senti ao meu lado, apenas senti, não vi, a última vez, isto é, três dias depois da morte do meu filho... três dias? três mil dias? Enfim, uma noite eu estava usando o meu fino telescópio, a noite estava muito fria, a noite estava muito clara e eu estava, estava, oh, tão contente de poder usar o meu fino telescópio, o meu telescópio apontando para uma anã branca. E isso é raro, é raro conseguir observar uma anã branca, muito raro mesmo, então eu estava olhando para a anã branca e pensando, porque o bom da astronomia é pensar enquanto a gente olha, e pensar coisas assim: muito bem, anã branca, te peguei, mas o que eu gostaria ainda mais, sabe o que é? Eu gostaria de pegar uma anã negra, um cadáver estelar e examiná-lo detalhadamente, sim lógico, é impossível, ainda que existisse uma anã negra na nossa galáxia eu não poderia vê-la pois ela seria negra, poderia, seria, meu Deus, então eu estava pensando assim olhando para a anã branca quando senti um puxão nos fundilhos da minha calça de flanelinha cor de caramelo. Ou estava com batina? Bom, não sei, pensei, outra vez meu Deus, pensei: deve ser Rukah. Mas Rukah havia morrido e senti muito medo, senti um medo horrível do meu filho morto, oh, como as criancinhas me metem medo, santo Deus, vivas ou mortas sempre me meteram medo, depois reagi e pensei dou três safanões e ele sai daí. Que língua, que ressonâncias. Então dei três safanões. Foi o que fiz. Três. Mas um puta que pariu estrondoso se fez ouvir, não, não era Rukah, porque Rukah tinha uma coisa: ele demorava muito para dizer um puta que pariu. Muito. Então não era Rukah, pensei, e continuei olhando para a minha estrela anã branquinha. Minha, branquinha, oh Senhor. Se não era Rukah, não só por causa do puta que pariu, mas também porque estava morto, quem seria? O espírito de Rukah? Que excitante podia ser, pensei me cagando de medo, e resmunguei: mais um, mais um aqui neste escritório, oh, já não bastam os que me visitam e me cospem na cara e falam do incognoscível? Já não basta? gritei olhando para

a estrela anã. É duro, é duro ser constantemente invadido, nem com a porta de aço não adianta, eles se fazem, se materializam. Ora, ora, Ruiska, você abre uma claraboia, abre um poço, e não quer que ninguém apareça? Vamos, você vai gostar de mim, eu sou um anão. Alguma coisa a ver com estrelas anãs branquinhas e negras? Não, Ruiska, nada disso, apenas uma coincidência, não fique fazendo ilações, relações, libações. Hi, o anão é um letrado, meu Deus. Posso olhar para você? Claro, ele disse. HO HO HO GLU GLU GLU, eu não pude me conter, ele parece uma pera, não, um abacate, a cabeça eu quero dizer. De onde você vem, hein? Do intestino, da cloaca do universo, do cone sombrio da lua. E veio fazer o quê? Agora ele ri: gli, gli, gli. Espero. Tenho muita paciência com crianças, com anões, eu sempre tenho muita paciência antes de assá-los na grelha. Ruiska, espere um pouco, não te enfeza, uma só pergunta antes de começarmos o nosso conluio. Ai, o anão fala como um literato, oh Senhor, será que ele é desses que escrevem bem? Desses que dizem que uma boa linguagem salva qualquer folhetim? Será desses? Estou perdido. Olhem, antes de continuar a minha conversa com o anão, devo dizer que a claraboia e o poço estão na mesma direção, e isso às vezes me atrapalha quando eu uso o telescópio porque não posso ficar no centro do assoalho, porque no centro do assoalho, em direção à claraboia, está o poço. Será que estão me entendendo? O difícil desse meu jeito é que as frases ficam sempre mais complicadas do que seria sensato, porque o sensato, o criterioso, seria dizer assim: a claraboia e o poço têm o mesmo eixo. Às vezes uso recursos extremos para me fazer entender em casos extremos. A claraboia e o poço têm um único eixo. Agora sim. Um único eixo. Está clarinho e soa muito bem. Se é que está certo. Vejamos — eixo: linha reta que passa pelo centro de um corpo e em torno do qual esse corpo executa movimento de rotação. Muito bem. Esse pessoal dos dicionários escreve muito bem. Mas é realmente isso o que eu quero dizer em relação à claraboia e ao poço? Claro que não é bem isso apesar de que a abóbada celeste parece mover-se e a Terra também. A Terra não